

## **Desafios na atuação do enfermeiro frente ao climatério e menopausa na Atenção Primária à Saúde**

**Challenges in the nurse's performance faced with climaterial and menopause in Primary Health Care**

**Desafíos en la actuación de la enfermera ante el clima y la menopausia en la Atención Primaria de Salud**

Recebido: 15/03/2023 | Revisado: 07/04/2023 | Aceitado: 08/04/2023 | Publicado: 13/04/2023

**Natália Freitas de Souza**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5709-6483>  
Universidade Luterana do Brasil, Brasil  
E-mail: [nataliafreitassouza@hotmail.com](mailto:nataliafreitassouza@hotmail.com)

**Camila Nunes Barreto**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5638-550X>  
Universidade Luterana do Brasil, Brasil  
E-mail: [camilabarreto\\_6@msn.com](mailto:camilabarreto_6@msn.com)

**Gabriela Bitencourt Corrêa**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7762-5960>  
Universidade Luterana do Brasil, Brasil  
E-mail: [gabi.seh@gmail.com](mailto:gabi.seh@gmail.com)

### **Resumo**

Com a chegada do climatério e menopausa surgem diferentes manifestações e, apesar de serem assuntos muito comentados, ainda são um tabu na sociedade, em consequência disso, muitas mulheres desconhecem os sinais, sintomas e meios de melhorar a saúde. Sendo assim, o presente trabalho objetivou descrever as evidências científicas acerca dos desafios na atuação do enfermeiro frente ao climatério e menopausa na Atenção Primária à Saúde. Trata-se de um estudo bibliográfico, descritivo, do tipo revisão integrativa da literatura científica, por meio da busca sistemática nas bases LILACS, BDENF e EBSCO, durante setembro de 2022. Foram selecionados 9 artigos que evidenciaram as ações realizadas pelo enfermeiro direcionadas ao climatério e à menopausa, o conhecimento e percepções das mulheres sobre estes períodos e diferentes lacunas na assistência às demandas destas transições no âmbito da APS. Tendo em vista as evidências, a atuação do enfermeiro vai desde o acolhimento qualificado, atuando também como educador nesse processo. E, com base nas lacunas apontadas, a temática deve ser trabalhada desde a graduação até capacitações específicas, além de ser necessárias modificações das políticas públicas de forma que incentivem ações que busquem qualificar a assistência à mulher no climatério e menopausa.

**Palavras-chave:** Atenção primária à saúde; Climatério; Menopausa; Papel do enfermeiro.

### **Abstract**

With the arrival of the climacteric and menopause, different manifestations arise and, despite being much discussed subjects, they are still a taboo in society, as a result, many women are unaware of the signs, symptoms and ways to improve their health. Therefore, the present work aimed to describe the scientific evidence about the challenges in the nurse's performance in the face of climacteric and menopause in Primary Health Care. This is a bibliographic, descriptive study, of the integrative review type of scientific literature, through a systematic search in the LILACS, BDENF and EBSCO databases, during September 2022. 9 articles were selected that showed the actions carried out by the nurses directed to climacteric and menopause, women's knowledge and perceptions about these periods and different gaps in assistance to the demands of these transitions within the scope of PHC. In view of the evidence, the role of the nurse ranges from qualified reception, also acting as an educator in this process. And, based on the identified gaps, the theme must be worked on from graduation to specific training, in addition to the need for changes in public policies in order to encourage actions that seek to qualify the assistance to women in the climacteric and menopause.

**Keywords:** Primary health care; Climacteric; Menopause; Nurse's role.

### **Resumen**

Con la llegada del climatério y la menopausia surgen diferentes manifestaciones y, a pesar de ser temas muy comentados, siguen siendo un tabú en la sociedad, por lo que muchas mujeres desconocen los signos, síntomas y formas de mejorar su salud. Por lo tanto, el presente trabajo tuvo como objetivo describir las evidencias científicas sobre los desafíos en la actuación del enfermeiro frente al climatério y la menopausia en la Atención Primaria de Salud. Se trata de un estudio

bibliográfico, descritivo, del tipo revisión integradora de la literatura científica, a través de una búsqueda sistemática en las bases de datos LILACS, BDNF y EBSCO, durante septiembre de 2022. Se seleccionaron nueve artículos que evidenciaron las acciones realizadas por las enfermeras dirigidas al climaterio y menopausia, los conocimientos y percepciones de las mujeres sobre estos períodos y los diferentes vacíos en la atención a las demandas de estas transiciones en el ámbito de la APS. Frente a las evidencias, el papel del enfermero va desde la recepción calificada, actuando también como educador en este proceso. Y, a partir de las brechas identificadas, el tema debe ser trabajado desde la graduación hasta la formación específica, además de la necesidad de cambios en las políticas públicas para incentivar acciones que busquen cualificar la asistencia a las mujeres en el climaterio y la menopausia.

**Palabras clave:** Atención primaria de salud; Climatérico; Menopausia; Rol de la enfermera.

## 1. Introdução

O ciclo feminino passa por mudanças ao longo da vida. Um desses momentos é o climatérico que compreende a transição do período reprodutivo para o não reprodutivo. Ele antecede a menopausa que é caracterizada por 12 meses consecutivos de amenorreia e, geralmente, ocorre entre 45 e 55 anos. Quando tem início antes dos 40 anos é definida como menopausa precoce, já após os 55 anos é conhecida como tardia (Haidar et al., 2017).

Essas etapas iniciam-se cada vez mais cedo na população feminina, com elas vem incertezas, medos, dúvidas e, principalmente, sinais e sintomas (Sabóia et al., 2021). No período do climatérico, as mulheres apresentam manifestações diversas, como fogachos, irritabilidade, secura vaginal, cansaço, entre outros relatos (Andrade et al., 2018).

Na Atenção Primária à Saúde (APS), o enfermeiro está presente em todas as fases da vida da mulher, nesse período, a mulher sofre com os efeitos que, com elevada frequência, são inevitáveis. Deste modo, necessita-se que a consulta de enfermagem contenha atendimento para essa etapa específica do ciclo feminino (Pereira et al., 2021).

O Plano Nacional de Políticas para as Mulheres (PNPM) objetiva fortalecer e implementar a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher (PNAISM), de forma a promover melhoria das condições de vida e saúde das mulheres, assim como contribuir na redução da morbimortalidade das brasileiras em todas as fases do seu ciclo vital, bem como os demais direitos legais (Ministério da Saúde, 2015).

Como consequência deste plano, uma das bases de estruturação é a ampliação do acesso aos meios de serviço à mulher, nos âmbitos de promoção, prevenção e assistência à saúde (Ministério da Saúde, 2015). Uma vez que o PNPM e a PNAISM se estendem a todas as fases, incluem também a atenção integral ao climatérico e menopausa.

A Pesquisa Nacional de Saúde de 2019, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apontou que as mulheres compõem a maior parte dos usuários da APS. A mesma pesquisa demonstra que, das 17.261 pessoas entrevistadas de 18 anos ou mais de idade, que utilizaram algum serviço de saúde da APS nos últimos 6 meses antes da data da entrevista, 12.057 eram mulheres (IBGE, 2019).

Ao considerar que as mulheres constituem a maior parte da população brasileira e que são as principais usuárias do Sistema Único de Saúde (SUS), é de extrema importância analisarmos as demandas específicas relacionadas à saúde desta população (Banazeski et al., 2021).

Apesar do climatérico e da menopausa serem assuntos muito comentados, eles ainda são um tabu na sociedade, em consequência disso, muitas mulheres desconhecem os sinais, sintomas e meios de melhorar a saúde (Sabóia et al., 2021). O atendimento a esse público é direcionado e fundamentado nas manifestações que, muitas vezes, são baseadas na experiência individual dos profissionais (Banazeski et al., 2021). Frente a esse desfalque, nota-se o papel fundamental da enfermagem em elucidar e assistir a essas demandas (Sabóia et al., 2021).

Tendo em vista o exposto, a questão da pesquisa foi: quais as evidências científicas disponíveis sobre os desafios no papel do enfermeiro frente às demandas do climatérico e menopausa na APS? Sendo assim, objetivou-se descrever as evidências científicas acerca dos desafios na atuação do enfermeiro frente ao climatérico e menopausa na Atenção Primária à Saúde.

## 2. Metodologia

Trata-se de um estudo bibliográfico, descritivo, do tipo revisão integrativa da literatura científica. Esse tipo de pesquisa é constituída por seis etapas: delimitação da questão norteadora; seleção das bases de dados; definição dos critérios de inclusão e exclusão; elaboração da estratégia de busca; seleção e avaliação dos estudos; extração e sintetização dos resultados obtidos (Donato & Donato, 2019).

Na primeira etapa formulou-se a questão norteadora da pesquisa: quais as evidências científicas disponíveis sobre os desafios no papel do enfermeiro frente às demandas do climatério e menopausa na APS?

Na segunda etapa foram definidos os critérios de inclusão: artigos que abordassem o tema da pesquisa, publicados em periódicos nacionais e internacionais na língua portuguesa, inglesa e espanhola, no período dos últimos dez anos (2011-2021), disponíveis na íntegra, relacionados com a questão da pesquisa. Já os critérios de exclusão abrangeram os estudos incompletos e/ou pagos, livros, teses, monografias, *guidelines* e publicações em anais.

A partir da questão e critérios estabelecidos, deu-se continuidade da terceira e quarta etapa, por meio da definição de estratégias de busca e as palavras-chave indexadas nos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS). Os descritores foram delimitados de acordo com as bases de dados: Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências Sociais e da Saúde (LILACS), Base de Dados em Enfermagem (BDENF) e *Business Source Complete* (EBSCO). Na quinta etapa, foi realizada a busca na base LILACS pela estratégia (menopausa OR climaterio AND "atencao basica" OR "atencao primaria a saude"), foram encontrados o total de 1.376 publicações. Posteriormente, foram aplicados os critérios de exclusão, foram excluídos 984 publicações pelo recorte temporal e, após, foi realizada a análise dos títulos e resumos que resultaram na exclusão de 352 artigos por recorte temático, 35 pelo tipo de publicação, sendo 21 teses, 10 monografias, 2 *guidelines* e 1 publicação de anais. Ao final, o corpus compreendeu 5 artigos.

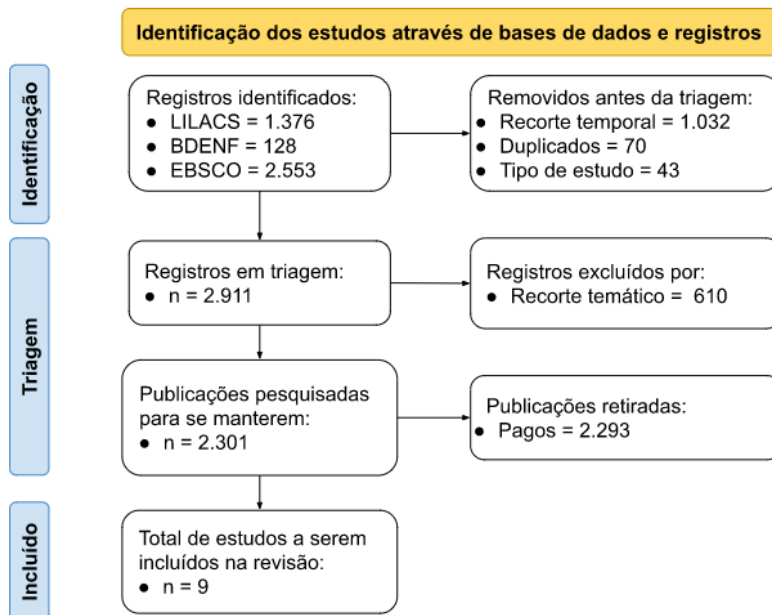
Já na busca pela base BDENF, utilizou-se a estratégia (menopausa OR climaterio AND "atencao basica" OR "atencao primaria a saude") totalizando 128 artigos. Ao aplicar os critérios de exclusão, foram excluídas 44 publicações por recorte temporal, 66 estudos por originalidade, 11 por recorte temático e 1 tese. Ao final o corpus compreendeu 3 artigos.

E na busca pela base EBSCO, utilizou-se a estratégia (menopausa OR climaterio AND enfermeiros OR "papel do profissional enfermeiro" AND "atencao primaria a saude" OR "atencao basica") totalizando 2.553 publicações. Ao aplicar os critérios de exclusão, foram excluídos 2.293 por indisponibilidade de acesso gratuito, 4 por recorte temporal, 244 por recorte temático, 4 por originalidade, pois foram encontrados nas bases anteriores, 5 publicações de anais e 2 livros. O corpus compreendeu 1 artigo. Já na sexta etapa, foi realizada a extração e sintetização dos resultados obtidos (Donato & Donato, 2019).

## 3. Resultados

A partir da busca dos estudos nas bases de dados, segue, abaixo, a Figura 1 que descreve a análise e seleção dos artigos fundamentada nas recomendações PRISMA (Page et al., 2020):

**Figura 1** - Etapas de análise e seleção dos artigos PRISMA.



Fonte: Autoria própria (2023).

Quanto à caracterização dos nove artigos encontrados, 8 deles são de origem brasileira sendo apenas um de origem do México. Em relação à distribuição temporal, ocorreu entre os anos 2013 a 2021, tendo maior incidência de publicações em 2016, com quatro estudos. Os anos de publicações dos periódicos foram: 2018, 2016, 2016, 2016, 2015, 2021, 2015, 2013 e 2016 respectivamente. Já no que se refere ao cenário de estudo, 8 foram realizados em unidades da Atenção Primária em Saúde e um foi em um centro de saúde no México.

No que tange ao desenho do estudo, cinco estudos são qualitativos, três quantitativos e um quanti-qualitativo. Quanto aos participantes das pesquisas, três estudos foram com mulheres de 30 a 65 anos, cinco com enfermeiros(as) da Atenção Primária à Saúde e um com enfermeiros, médicos e dentistas que atuam em Unidades Básicas de Saúde, conforme demonstrado no Quadro 1 abaixo.

**Quadro 1** - Análise dos estudos selecionados por título, ano de publicação, participantes e cenário da pesquisa, bem como o tipo de estudo.

Nº	Autores e ano de publicação	Título	Participantes	Cenário da pesquisa	Tipo de estudo
A1	Andrade et al. (2018)	O papel do enfermeiro nos cuidados de enfermagem com mulheres no período climatérico	30 mulheres da faixa etária acima dos 30 anos	Cidade do Gama/ Distrito Federal	Estudo observacional analítico de caso-controle
A2	Martínez-Garduño et al. (2016)	Intervención educativa de enfermería para fomentar el autocuidado de la mujer durante el climaterio	Amostra de 30 mulheres que entre 45 e 59 anos vivenciando ou não o climatério, com escolaridade mínima primário, ausência de menopausa precoce ou doença terminal e/ou incapacitante.	Um centro de saúde em Talouca, no México	Pesquisa quantitativa, quase experimental e transversal
A3	S. Silva et al. (2016)	Representações sociais elaboradas por enfermeiras acerca da assistência à mulher climatérica na atenção primária	Participaram 28 enfermeiras, selecionadas pelos critérios de período de integração na equipe com, no mínimo, de cinco anos.	A pesquisa foi realizada em Unidades Básicas de Saúde em uma capital do Nordeste.	Pesquisa qualitativa por entrevista semiestruturada

A4	Fernandes et al. (2016)	Atuação do enfermeiro no gerenciamento do programa de assistência integral à saúde da mulher	Participaram 20 enfermeiras da Atenção Primária do Distrito Sanitário IV em João Pessoa/PB.	Unidades Básicas de Saúde do Distrito Sanitário IV em João Pessoa.	Pesquisa quantitativa e qualitativa descritiva por entrevista semiestruturada
A5	G. Silva et al. (2015)	Influências do climatério para o envelhecimento na percepção de mulheres idosas: subsídios para a enfermagem	Amostra de 31 idosas de 60 a 65 anos que frequentavam o Instituto de Atenção à Saúde São Francisco de Assis.	Instituto de Atenção à Saúde São Francisco de Assis no Rio de Janeiro.	Pesquisa qualitativa, descritiva e exploratória
A6	Banazeski et al. (2021)	Percepções de enfermeiros sobre a atenção ao climatério	O estudo foi realizado com oito enfermeiros, com formação de 14 anos em média, de faixa etária entre 27 e 59 anos e que atuam com políticas públicas para mulheres na Atenção Primária à Saúde de um município do oeste catarinense.	Um município do oeste de Santa Catarina.	Pesquisa qualitativa, descritiva por entrevista semiestruturada.
A7	C. Silva et al. (2015)	Atuação de enfermeiros na atenção às mulheres no climatério	A pesquisa foi aplicada com 10 enfermeiros que atuavam nas Unidades Básicas de Saúde de um município do oeste catarinense.	Um município do oeste de Santa Catarina.	Pesquisa qualitativa, descritiva por entrevista semiestruturada.
A8	Lopes et al. (2013)	Assistência à mulher no climatério: discurso de enfermeiras	O estudo foi realizado com 140 enfermeiras que trabalhavam nas Unidades Básicas de Saúde de João Pessoa.	Unidades Básicas de Saúde localizadas no município de João Pessoa.	Pesquisa qualitativa exploratória por entrevista semiestruturada
A9	A. B. Pereira et al. (2016)	Atenção ao climatério realizada por profissionais da estratégia saúde da família	Entrevista com 26 enfermeiros, 16 médicos e 15 dentistas que atuavam nas Estratégias de Saúde da Família no Distrito Sanitário Leste, do município de Goiânia, em Goiás.	Estratégias de Saúde da Família localizadas no Distrito Sanitário Leste do município de Goiânia, em Goiás.	Pesquisa descritiva, transversal e exploratória

Fonte: Autoria própria (2023).

Após a leitura, foram identificadas ações realizadas pelo enfermeiro direcionadas ao climatério e à menopausa, o conhecimento das mulheres sobre o período e suas percepções e diferentes lacunas na assistência às demandas do climatério e da menopausa no âmbito da APS, sendo apresentadas numa categoria central a seguir, conforme apontado no Quadro 2.

**Quadro 2** - Análise dos estudos selecionados quanto ao objetivo e principais resultados.

Nº	Objetivo do estudo	Principais resultados
A1	Destacar a assistência prestada e ações realizadas pelo profissional enfermeiro relacionadas às mulheres no climatério.	Os dados coletados apontaram que das 30 mulheres entrevistadas 80% possuiu companheiro e 23 relataram vida sexual ativa. Com relação aos sinais e sintomas, 27 delas relataram ansiedade, 21 apontaram irritabilidade, 16 apresentaram fogachos, 10 referiram secura vaginal, 23 demonstraram sentir cansaço e 12 comentaram sentir sintomas além dos citados.
A2	Analisar as intervenções educativas referente ao autocuidado das mulheres no climatério realizadas pela enfermagem.	Foi aplicado um questionário antes e depois das intervenções educativas por enfermeiros para mulheres no período climatério. Nele questionou-se o autocuidado - sendo bom, regular ou ruim - mediante percepção e manutenção da saúde, nutrição, exercícios físicos, eliminações, sono, cognição, autopercepção, relações, sexualidade, tolerância ao estresse, valores e crenças. Antes da intervenção, as mulheres apontaram deficiências no autocuidado em 11 dos aspectos listados, com exceção do padrão de relacionamentos que obteve 73,3% delas que consideram o autocuidado bom. Já posterior a ação educativa, houve uma mudança drástica, pois anteriormente 90% das mulheres referiram que o autocuidado era regular, 6,7% bom e 3,3% ruim, já após à intervenção, 60% referiram autocuidado regular, 40% bom e nenhuma ruim.
A3	Compreender acerca das representações sociais de enfermeiras acerca da assistência à mulher no	As enfermeiras apontaram o período climatério como uma fase no ciclo feminino com diferentes demandas necessitando de assistência integral com diferentes abordagens, bem como devem atuar no processo educacional referente à promoção e prevenção da saúde, além de tornarem a mulher como protagonista no cuidado. Porém, demonstraram dificuldades em prestar essa assistência, referindo foco

	climatério em ESF.	no exame citopatológico e solicitação de exames, sendo realizado encaminhamento ao médico devido ao sentimento de impotência e inabilidade para acompanhar as demandas do climatério. Sendo assim, apresentaram que a assistência é realizada com base nos sintomas apresentados pela mulher, não sendo realizada na sua integralidade. Outra lacuna manifestada, foi a dificuldade de trabalhar em comunidades com baixas condições socioeconômicas, tendo a unidade como referência curativa muitas vezes, devido aos altos índices de violência.
A4	Investigar e mensurar as atividades e frequência das ações de enfermeiros que atuam no PAISM voltadas à assistência da mulher na ESF.	Quando questionadas sobre a assistência a mulheres no climatério, 40% das profissionais afirmaram fazer pouca ou nenhuma atividade voltada a esse público. Das 20 enfermeiras, apenas 10 referiram realizar atividades educativas, 8 fizeram encaminhamento para especialistas e de exames, 7 executaram a consulta da enfermagem, 4 fizeram o exame citopatológico, 2 implementaram grupos de idosos, uma acompanha a terapia hormonal e uma aplicou as Práticas Integrativas e Complementares à Saúde. As entrevistadas apontaram que há barreiras para a execução desse cuidado, como a baixa procura por parte delas. Em contrapartida, afirmaram que o principal papel do enfermeiro na atenção primária é gerenciar a assistência das mulheres em todas as fases da vida com uma perspectiva holística.
A5	Compreender a percepção de mulheres idosas acerca da influência do climatério no envelhecimento.	Grande parte das mulheres não reconhece o efeito do climatério no organismo, tendo pouca ou nenhuma percepção dos sinais e sintomas desse período, sendo marcado por alterações biopsicossociais, podendo ter influência de fatores diversos. Além disso, elas associaram essa fase a uma série de ocorrências que colaboram para um quadro depressivo, no qual o começo do envelhecimento é desencadeado pelo climatério e redução da autoestima pela mudança do padrão estético. Outro sintoma relatado, foi a diminuição da atividade e do desejo sexual, sendo considerado por elas o oposto de vitalidade e vida saudável. Cada entrevistada relatou a transição de fase de forma única, sendo destacado como um período de desconforto e sofrimento, tendo como consequência, um misto de sentimentos negativos relacionados ao adoecimento e proximidade do fim da vida. No entanto, os pesquisadores apontaram que a participação das entrevistadas nos grupos de convivência promoveu socialização e estimulou a autonomia e a capacidade funcional, resultando em aumento na qualidade de vida, bem estar e saúde. Além disso, as mulheres apontaram a terapia de reposição hormonal como solução para acabar com os sinais e sintomas do climatério, sendo reproduzido como único meio para a retomada da vida através do conhecimento popular e do discurso médico.
A6	Investigar a assistência às mulheres no manejo do climatério realizado por enfermeiros da APS.	Os entrevistados apontaram a necessidade de capacitações e atualização dos protocolos uma vez que o enfermeiro não tem confiança para a abordagem integral a esse público. Relataram que há uma lacuna no compartilhamento de informações referentes a essa fase, pois a única capacitação realizada foi quando houve o lançamento da Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher e não houve continuidade de ações que auxiliassem na criação de instrumentos para essa assistência. A falta de formação direcionada a essa temática foi amplamente apontada como um problema relacionado às esferas governamentais. Também relataram que não há estratégia específica para esse grupo, pois as mulheres climatéricas são inseridas em atividades voltadas a usuários com diversos problemas de saúde. Bem como apontaram que há dificuldade em manter a educação continuada e ações com esse público, devido a não realização da busca ativa e o pouco espaço físico. E notou-se que o conhecimento sobre aromaterapia e uso de chás é limitado, sendo optado pelos entrevistados por não dar seguimento e realizar encaminhamento, devido à falta de orientação e fornecimento de chás ou demais alternativas terapêuticas. Além disso, mencionaram sobre a existência de grupos de caminhadas, auriculoterapia e demais terapias complementares, mas que não há continuidade por falha na comunicação entre os setores.
A7	Compreender as estratégias realizadas pelos enfermeiros na assistência à mulher climatérica.	Dentre os relatos da atuação do enfermeiro, 3 deles apontaram dividir as atividades entre gerenciamento e assistência, 6 desenvolvem atividades diversas relacionadas a diferentes públicos e apenas uma referiu que o atendimento é voltado apenas para a saúde da mulher sob livre demanda. Mas, todos afirmaram assistir a todas as faixas etárias e que a maior procura é para exame citopatológico, sendo pouca para orientações acerca do climatério e menopausa. Sendo o citopatológico, a terapia de reposição hormonal, solicitações e encaminhamentos de exames requeridas pelas mulheres climatéricas usuárias das unidades, sendo a terapia de reposição hormonal citada como primordial meio de cuidado prestado. Com relação às ações realizadas, referiram não realizarem estratégias específicas direcionadas para esse público. E, quando questionado sobre a formação, somente dois enfermeiros afirmaram que realizaram algum curso, treinamento ou participaram de um congresso relacionado à temática. Bem como, apontam que aplicam o conhecimento adquirido na consulta da enfermagem, objetivando ofertar todo o conhecimento sobre o assunto, entretanto, a maioria relatou que não conhece ou conhece, mas não utiliza a Política de Saúde voltada às mulheres que vivenciam esse período.
A8	Analisar a atitude dos enfermeiros no manejo da mulher climatérica e investigar a relação entre estes profissionais e pacientes.	As entrevistadas demonstraram uma predisposição em manter uma atitude de comprometimento em prestar assistência humanizada de forma a contribuir na incorporação do acolhimento como estratégia no atendimento às mulheres climatéricas, para que estas possam se sentir acolhidas para expor seus receios e questionamentos. Entretanto, algumas apontaram não ofertar garantia de privacidade nas consultas de enfermagem, estando relacionado com estruturas precárias e equipamentos inadequados para a realização das atividades dos profissionais da unidade. Além disso, algumas enfermeiras apontaram que não estavam capacitadas para atender a paciente climatérica de forma qualificada, se deve ao fato do incentivo de ações serem focadas na mulher que se encontra na fase reprodutiva e as ações que relacionadas à mulher climatérica estão direcionadas à prevenção do câncer de colo uterino e prevenção de Doenças Crônicas Não Transmissíveis. Sendo assim, consideram essa lacuna como fator interferente na relação com a usuária e na elaboração de estratégias educativas. Apesar desse desfalque,

		as entrevistadas apontaram que a relação é pautada na ética, confiança, empatia, escuta ativa e estabelecimento de vínculo.
A9	Investigar o perfil dos profissionais da ESF, conhecimentos, dificuldades e ações realizadas na assistência à mulher no climatério.	Mais de 50% dos profissionais entrevistados referiram que não praticam a educação permanente por meio da equipe multidisciplinar. Dessa forma, apontaram que o atendimento às mulheres no climatério e menopausa é, predominantemente, feito por meio das consultas individuais e alguns enfermeiros e dentistas apontaram que não prestam uma atenção específica a esse público. Dentre 35 profissionais que realizaram o curso na área da saúde da mulher, somente 10 citaram que o período do climatério foi abordado. Além disso, quando os enfermeiros foram questionados sobre o acompanhamento destas mulheres, 50% referiu que deve ser feito pela equipe multiprofissional, 34,6% apontaram que deve ser feito apenas pelo médico e apenas 1 enfermeiro demonstrou que a consulta deve ser feita com foco apenas no climatério e menopausa.  Também foi investigado quanto às ações desenvolvidas que estão relacionadas à saúde da mulher, dentre os mencionados, destacaram-se o pré-natal, prevenção do câncer de mama e de colo do útero, mas também foram referidas outras atividades como a prescrição da terapia de reposição hormonal. Mas, cerca de 23% dos enfermeiros afirmaram que não prestam atenção específica ao climatério. Outra lacuna apontada por 4 enfermeiros foi a problemas relacionados à organização do sistema de referência e contrarreferência, incluindo as falhas de comunicação entre membros da equipe. Dessa forma, a falta de conhecimento e práticas que objetivem a integralidade da assistência de saúde à mulher no climatério, está relacionada à necessidade em sanar as demandas advindas dos gestores, além dos instrumentos de avaliação e monitoramento.

Fonte: Autoria própria (2023).

### 3.1 O cuidar no climatério e na menopausa: desafios para a enfermagem

Os estudos apontaram que o papel do enfermeiro no climatério se inicia já no acolhimento por meio da escuta ativa, de forma humanizada e que promova o climatério como uma fase natural do ciclo vital com o objetivo de fazer com que as pacientes sintam-se acolhidas e confortáveis em expor seus receios e questionamentos. As enfermeiras apontaram o período climatério como uma fase no ciclo feminino com diferentes demandas, necessitando de assistência integral e diferentes abordagens para garantir o atendimento de qualidade. Isso envolve a relação profissional-paciente que deve ser pautada na ética, confiança, empatia, vínculo, humanização, acesso e resolutividade (Lopes et al., 2013; Pereira et al., 2016; Silva et al., 2015; Silva et al., 2016).

Esse acolhimento qualificado deve resultar em orientações compreensíveis, acessíveis e com base na atenção individualizada, fundamentada nos sinais e sintomas de cada paciente, pois além de ter a função de gerenciar a assistência, o enfermeiro atua como educador nesse processo (Andrade et al., 2018).

As pesquisas demonstraram que grande parte desse público não reconhece o efeito do climatério no organismo, tendo pouca ou nenhuma percepção dos sinais e sintomas desse período, como aumento de peso, fogachos, irritabilidade, ansiedade, cansaço, ressecamento vaginal, diminuição da atividade e do desejo sexual, entre outros. Sendo um período marcado por alterações físicas, psicológicas, emocionais ou ambientais, podendo ter influência de fatores diversos como hábitos, cultura, histórico pessoal e familiar. Além disso, elas associaram essa fase a uma série de ocorrências que colaboram para um quadro depressivo, que o começo do envelhecimento é desencadeado pelo climatério e redução da autoestima pela mudança do padrão estético do corpo jovem (Andrade et al., 2018; Silva et al., 2015; Silva et al., 2016).

Cada mulher viveu a transição de fase de forma única, sendo destacado como um período de desconforto e sofrimento, tendo como consequência, um misto de sentimentos negativos relacionados ao adoecimento e proximidade do fim da vida. Essa associação ao cessar da menstruação foi um fator de peso na redução da vitalidade e feminilidade. Dessa forma, a consulta da enfermagem deve servir como uma ferramenta para promoção do conhecimento das alterações advindas ao climatério, tendo em vista que as mulheres manifestam queixas diferentes, necessitando uma avaliação singular (Banazeski et al., 2021; Silva et al., 2015).

Em contrapartida, os pesquisadores apontaram como lacuna que a assistência descrita nos relatos se resumia sobre os sinais e sintomas com base na experiência pessoal e profissional dos enfermeiros, não sendo fundamentada em conhecimentos científicos (Banazeski et al., 2021).

Além disso, muitos resumiram a assistência à mulher climatérica à realização do citopatológico, solicitação de exames, encaminhamento ao médico e uso da Terapia de Reposição Hormonal (TRH) como primordial meio de cuidado prestado, além de ser visto pelas pacientes como solução para acabar com os sinais e sintomas do climatério, sendo reproduzido como único meio para a retomada da vida através do conhecimento popular e do discurso médico. Também destacaram que o foco da assistência à saúde da mulher é voltado para o período reprodutivo, tendo pouco direcionamento ao não reprodutivo (A. B. Pereira et al., 2016; Silva et al., 2015; Silva et al., 2015; Silva et al., 2016).

Essa lacuna na assistência se deve ao sentimento de impotência e inabilidade dos profissionais, uma vez que a maior parte demonstrou conhecimentos limitados sobre a temática. Circunstância que é evidenciada quando questionados sobre a diferença entre climatério e menopausa, pois apenas metade dos profissionais souberam definir, sendo maior parte enfermeiros. Esse fato é justificado pela ausência de capacitações e quando há alguma voltada à saúde da mulher, há pouco ou nenhum conteúdo sobre o assunto e que a compreensão da assistência à saúde possui uma perspectiva médico-centrada. Essa questão foi apontada como um problema relacionado às esferas governamentais, porque o único treinamento relatado foi quando houve o lançamento da PNAISM e não houve continuidade de ações que auxiliassem na criação de instrumentos para essa assistência, sendo que a maioria relatou que não conhece ou conhece, mas não utiliza a Política de Saúde voltada às mulheres que vivenciam esse período (Banazeski et al., 2021; Lopes et al., 2013; Pereira et al., 2016; Silva et al., 2015).

Ademais, notou-se que o conhecimento sobre aromaterapia e uso de chás é limitado, sendo optado pelos enfermeiros por não dar seguimento e realizar encaminhamento, devido à falta de orientação e fornecimento de chás ou demais alternativas terapêuticas, não sendo evidenciada inclusão das Práticas Integrativas e Complementares à Saúde (PICs). Sendo práticas que o profissional deve contemplar de modo que amplie o conhecimento do processo saúde/doença e promoção do cuidado com ênfase no autocuidado (Banazeski et al., 2021; Silva et al., 2016).

Foi evidenciado o desenvolvimento do autocuidado por meio da educação permanente, uma vez que a enfermagem tem o papel fundamental no processo educacional referente à promoção e prevenção da saúde, além de tornarem a mulher como protagonista no cuidado. Demonstraram que antes da intervenção, as mulheres apontaram deficiências nesse cuidado em quase todos os aspectos. Já posterior a ação educativa, houve uma mudança drástica, pois anteriormente 90% das mulheres referiram que o autocuidado era regular, 6,7% bom e 3,3% ruim, mas após a intervenção, 60% referiram autocuidado regular, 40% bom e nenhuma ruim (Martínez-Garduño et al., 2016; Silva et al., 2016).

Mas, relatam que há dificuldade em manter a educação continuada e ações com esse público, devido a não realização da busca ativa e o pouco espaço físico. Além disso, mencionaram sobre a existência de grupos de caminhadas, auriculoterapia e demais terapias complementares, mas que não há continuidade por falha na comunicação entre os setores, além da gestão dos serviços não ofertar a educação permanente. Apontam também que boa parte dos profissionais não praticam a educação permanente por meio da equipe multidisciplinar, fato que é influenciado pelas falhas de comunicação entre membros da equipe (Banazeski et al., 2021; Pereira et al., 2016).

Também relataram que não há estratégia específica para esse grupo, pois as mulheres climatéricas são inseridas em atividades voltadas a usuários com diversos problemas de saúde, não possuindo ações direcionadas. Isso é justificado pelo foco de atividades ser para a mulher que se encontra na fase reprodutiva e as ações que relacionadas à mulher climatérica estão direcionadas à prevenção do câncer de colo uterino e prevenção de Doenças Crônicas Não Transmissíveis (DCNT), sendo um público pouco priorizado pela equipe (Lopes et al., 2013; Pereira et al., 2016; Silva et al., 2015). Em contrapartida, outra pesquisa aponta que a participação das mulheres climatéricas nos grupos de convivência promoveu socialização e estimulou a autonomia e a capacidade funcional, resultando em aumento na qualidade de vida, bem estar e saúde (Silva et al., 2015).

Porém, a ausência de desenvolvimento dessas ações está relacionada à necessidade de sanar as demandas advindas dos gestores, além dos instrumentos de avaliação e monitoramento. Bem como os enfermeiros relataram que dividem a atuação entre



gerenciamento, assistência e atividades diversas relacionadas a diferentes públicos. Outro fator, é a estrutura precária e que não oferta garantia de privacidade, além relatarem a dificuldade de trabalhar em comunidades com baixas condições socioeconômicas, tendo a unidade como referência curativa muitas vezes, também pela baixa procura por parte dessas mulheres (Fernandes et al., 2016; Lopes et al., 2013; Pereira et al., 2016; Silva et al., 2015; Silva et al., 2016).

#### 4. Discussões

Os hormônios apresentam diversas funções, atuando nas características fisiológicas, anatômicas e emocionais. Sendo assim, a queda brusca nos níveis hormonais durante o climatério e menopausa, resultam no desequilíbrio homeostático, desencadeando diferentes sinais e sintomas. Isso se deve, principalmente, à queda do estrogênio, podendo deixar a mulher suscetível a doenças cardiológicas, ósseas e musculares, além de afetar diretamente na vitalidade sexual (Selbac et al., 2018).

Em decorrência das mudanças fisiológicas e sociais, a mulher vivencia sentimentos diversos como medo, tristeza e incertezas. Sendo assim, há controvérsias na associação dos sintomas depressivos ao climatério, podendo ser de causas hormonais ou extrínsecas. Por essa razão, a mulher deve ser assistida em todas as suas fases, não somente no período reprodutivo (Carvalho et al., 2021).

Mesmo que o climatério e a menopausa sejam períodos naturais na vida das mulheres, essas manifestações interferem na qualidade de vida desse público. Logo, o tratamento focado nas demandas individuais de cada paciente, associado ao acompanhamento integral de um profissional qualificado é um dos meios mais eficazes de alcançar a terapêutica esperada e, conseqüentemente, promover a qualidade de vida (Carneiro et al., 2020).

Há uma lacuna na falta de conhecimento das mulheres acerca dessas modificações, tendo em vista que, maior parte delas, têm como base apenas o conhecimento popular que, muitas vezes, é baseado em mitos. Como consequência dessa falha, há um desfalque na qualidade de vida das mulheres que vivenciam essa transição, uma vez que estas, não têm o conhecimento fundamentado na ciência (Silva et al., 2021).

Dessa forma, é fundamental que o enfermeiro e a equipe realizem a difusão de informações baseadas em evidências científicas, sendo repassado de maneira acessível e prática, para que os mitos construídos pela sociedade percam sua força por meio do protagonismo das mulheres como propagadoras dos saberes e agentes de transformação social (Silva et al., 2021).

O enfermeiro deve promover conscientização das mulheres, por meio da orientação e educação fundamentados no conhecimento científico, com o objetivo de elucidar essas demandas durante a assistência (Andrade et al., 2018). Determinadas competências do profissional possibilitam essa assistência focada na mulher. Documentos ministeriais apontam que, dentre elas estão, acolhimento com escuta qualificada no momento da entrevista (Ministério da Saúde, 2016).

Há outros momentos oportunistas nas demais demandas do profissional como a confirmação do climatério, exame físico geral e específico. Através destes dados, é desenvolvido um plano de cuidados com foco na abordagem integral e não farmacológica das queixas no climatério. Todas essas condutas devem ser realizadas de forma humanizada e com o mínimo de medidas farmacológicas possível, uma vez que, a maioria das manifestações pode ser manejada com mudança de hábitos e autocuidado (Ministério da Saúde, 2016).

Mesmo com a possibilidade de mudança de hábitos, um dos meios mais utilizados, também eficaz, de controlar os sinais e sintomas desse período, é o uso farmacológico da terapia de reposição hormonal (TRH). É uma terapêutica utilizada, principalmente, para controle, prevenção e redução dos fenômenos relacionados à menopausa (Selbac et al., 2018).

Mas, há limitações na utilização da TRH, porque ela é contraindicada a pacientes com histórico de câncer de mama, câncer de endométrio, tromboembolia, hemorragia genital de causa indeterminada e insuficiência hepática grave. Há alguns casos que o médico deve analisar com atenção, uma vez que necessita cautela na utilização, entre eles estão a hipertensão, diabetes mellitus não controlada, miomatose uterina e endometriose (Sabóia et al., 2021).

Há outros meios de tratamento mais abrangentes como a fitoterapia. É uma terapia que consiste na utilização de medicamentos fitoterápicos, em formas de comprimidos ou cápsulas, que são compostos por fitohormônios extraídos de plantas medicinais. Pode-se destacar entre elas o *Cimicifuga racemosa*, *Glycine max* e o *Trifolium pratense*, que atuam na reposição hormonal. Assim como, os fitoterápicos *Melissa officinalis*, *Hiperico perforatum* e *Valeriana officinalis* podem ser úteis na redução dos sintomas psicoemocionais. Essas plantas também podem ser utilizadas em forma de chás e ervas (Ministério da Saúde, 2016).

A acupuntura também é uma terapia alternativa que proporciona alívio das manifestações da menopausa. Ela compreende a aplicação de estímulos em regiões corporais por meio da inserção de agulhas metálicas e filiformes. As zonas neuro reativas, quando estimuladas, provocam analgesia, promovendo alívio de lombalgias, insônia, estresse e cefaleias. Além disso, colabora no funcionamento metabólico, exercendo melhoria no sistema digestivo, emagrecimento e regulação corporal (Sabóia et al., 2021).

O Ministério da Saúde (2016) traz diversas recomendações que podem promover qualidade de vida para as mulheres que passam pelo climatério e menopausa. Além destas, deve ser promovida a nutrição adequada, buscando estimular uma alimentação rica em cálcio e vitamina D. Assim como o incentivo da prática de atividades aeróbicas e exercícios para fortalecimento muscular, que, além de trazerem benefícios ao organismo, promovem lazer, relaxamento e socialização.

Ademais, há alternativas para o manejo dos sintomas listados, como o uso de lubrificantes vaginais durante as relações sexuais, também a adoção de hábitos saudáveis como redução da cafeína, bebidas alcoólicas e tabagismo (Ministério da Saúde, 2016).

Tendo em vista essas demandas, é fundamental a busca por evidências científicas pelo enfermeiro, com o objetivo de prestar um cuidado qualificado, resultando em acesso às informações necessárias das mulheres e demonstrando o período reprodutivo não como algo patológico, mas sim como um processo natural no ciclo feminino. Além disso, nota-se que há diferentes materiais ministeriais que abordam a temática, servindo como base para a atenção humanizada em todas as fases da mulher. Tendo isso em vista, o enfermeiro deve fazer uso dessas ferramentas como base para o desenvolvimento de atividades e consultas qualificadas, com o objetivo de atualização de novos meios de promoção de saúde (Carneiro et al., 2020).

Sendo assim, pesquisas sugerem que a temática seja pautada no eixo acadêmico, bem como a implantação de ações que promovam a socialização entre as mulheres desse público, de modo a oportunizar troca de experiências. Além de ressaltarem que deve haver uma modificação nas políticas públicas, de modo que incentivem a oferta da assistência holística a esse público na APS (Sabóia et al., 2021).

As políticas voltadas à saúde da mulher possuem muitas lacunas, que se transformam em barreiras na assistência desse público e, conseqüentemente, provocam deficiência na promoção de qualidade de vida. Apesar de constituírem maior parte dos usuários do SUS, os fatores biopsicossociais influenciam no processo de adoecimento das mulheres e, tendo em vista o desfalque na Atenção Primária, não é ofertada a assistência necessária (Oliveira et al., 2022).

Dessa forma, a atuação do enfermeiro na APS possibilita o auxílio nas demandas da mulher climatérica por meio da promoção de saúde na consulta de enfermagem. A ação do profissional se estende além do reconhecimento dessas possibilidades de auxílio, podendo realizar estratégias para o acolhimento e promoção às necessidades desse público como reuniões, grupos focais e entrevistas. Também é evidenciada a necessidade de capacitações voltadas ao tema como foco da atuação da enfermagem, pois a atualização de conhecimentos e novas tecnologias se faz fundamental no processo de cuidado desse público (Melo et al., 2019).

## 5. Considerações Finais

Evidenciou-se que as mulheres devem ser atendidas com base nos sinais e sintomas de forma individualizada, não recorrendo apenas ao uso da TRH, devido às limitações de uso. Por essa razão, a atuação do enfermeiro deve potencializar a utilização e aplicação das PICS na assistência, atuando também como educador nesse processo, promovendo saúde com base nos conhecimentos científicos.

Além disso, o enfermeiro atua desde o acolhimento que deve ofertar escuta ativa, humanização, acesso e resolutividade de forma a promover confiança e vínculo com as pacientes.

Em contrapartida, notou-se que há lacunas ao prestar essa assistência qualificada, como a falta de conhecimentos acerca da temática, a divisão da atuação entre diferentes demandas da APS, bem como precariedade de recursos físicos e humanos. Tendo em vista esses desfalques, as esferas governamentais devem modificar as políticas públicas, de forma que incentivem ações e capacitações que direcionem os cuidados às mulheres no período não reprodutivo.

A temática deve ser inserida também nos espaços de ensino nos cursos de enfermagem, buscando desenvolver a saúde da mulher além do período reprodutivo, demonstrando possibilidades de ações para esse público e qualificando a assistência dos futuros profissionais.

Além disso, deve-se implementar estratégias como a criação de grupos direcionados a esse público, de forma a proporcionar troca de experiências, bem como promover socialização e cuidados em saúde.

Sendo assim, a presente pesquisa integrativa tem como finalidade fortalecer as evidências sobre a temática e servir como subsídio para a prática do enfermeiro na APS. Sugere-se que os trabalhos futuros possam discutir a atuação do enfermeiro frente ao climatério e menopausa na Atenção Primária à Saúde com o objetivo de ofertar assistência integral e qualificada às mulheres que vivenciam estes períodos.

## Referências

- Andrade, D. B. S., Lira, F. N. A., Silva, E. V., Aoyama, E. A. & Farias, F. C. (2018). O papel do enfermeiro nos cuidados de enfermagem com mulheres no período climatérico. *Revista de Divulgação Científica Sena Aires*, 7(1), 18–12.
- Banazeski, A. C., Luzardo, A. R., Rozo, A. J., Palombit, M. R., Sinski, K. C. & Conceição, V. M. (2021). Percepções de enfermeiros sobre a atenção ao climatério. *Revista de Enfermagem UFPE on Line*, 15(1), 1-11.
- Carneiro, M. E. S. G., Silva, P. A., Markus, G. W. S., Pereira, R. A., Couto, G. B. F., & Dias, A. K. (2020). Assistência de enfermagem à mulher climatérica: estratégias de inclusão na rotina das unidades básicas de saúde. *Revista Extensão*, 4(2), 115–126.
- Carvalho, A. C. B., Veras, C. N. S. S., Brito, H. X. E., Carvalho, G. C. G., Rocha, G. M. M., Morais, I. B. A., & Martins, M. M. (2021). Assistência de enfermeiros da estratégia saúde da família a mulheres climatéricas com sintomas depressivos. *Research, Society and Development*, 10(10), e577101019035.
- Donato, H., & Donato, M. (2019). Etapas na Condução de uma Revisão Sistemática. *Acta Médica Portuguesa*, 32(3), 227-235.
- Fernandes, L. T. B., Abreu, S. S., Romão, T. A., Araújo, E. M. N. F., & Costa, M. B. S. (2016). Atuação do enfermeiro no gerenciamento do Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher. *Revista Brasileira de Ciências Da Saúde*, 20(3), 219–226.
- Haidar, M. A., Silva, I., & Dardes, R. C. M. (2017) Transição Menopausal. Girão, M. J. B. C., Baracat, E. C., Lima, G. R. (Ed.). *Tratado de ginecologia* (893-901). Rio de Janeiro, RJ: Atheneu.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (IBGE). (2019). Tabela 7634: Pessoas de 18 anos ou mais de idade que utilizaram algum serviço da Atenção Primária de Saúde, nos últimos seis meses antes da data da entrevista, e Escore Geral da Atenção Primária à Saúde, por sexo. [Internet] Brasil. <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/7634>.
- Lopes, M. E. L., Costa, S. F. G. da, Gouveia, E. M. L., Evangelista, C. B., Oliveira, A. M. M., & Costa, K. C. da. (2013). Assistência à mulher no climatério: discurso de enfermeiras. *Revista de Enfermagem UFPE on Line*, 7(3), 665–671.
- Martínez-Garduño, M. D., Olivós-Rubio, M., Gómez-Torres, D., & Cruz-Bello, P. (2016). Intervención educativa de enfermería para fomentar el autocuidado de la mujer durante el climatério. *Enfermería Universitaria*, 13(3), 142–150.
- Melo, A. A. C., Silva, E. P. C., & Giotto, A. C. (2019). Assistência da enfermagem à mulher no climatério na atenção básica de saúde. *Revista de Iniciação Científica E Extensão*, 2(4), 213–218.

Ministério da Saúde. (Brasil). (2015). Monitoramento e acompanhamento da Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher (PNAISM) e do Plano Nacional de Políticas para Mulheres (PNPM). [Internet] Brasil. [https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/politicas-para-mulheres/arquivo/central-de-conteudos/publicacoes/publicacoes/2015/pnaism\\_pnpm-versaoweb.pdf](https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/politicas-para-mulheres/arquivo/central-de-conteudos/publicacoes/publicacoes/2015/pnaism_pnpm-versaoweb.pdf)

Ministério da Saúde. (Brasil). (2016). *Protocolos da atenção básica: saúde das mulheres*. Brasília, DF. [https://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/protocolos\\_atencao\\_basica\\_saude\\_mulheres.pdf](https://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/protocolos_atencao_basica_saude_mulheres.pdf).

Oliveira, B. L. S., Silva, A. O., & Silva, N. N. O. (2022). Atuação do enfermeiro na saúde da mulher. *Revista Coleta Científica*, 6(11), 28–35.

Page, M. J., age, M. J., McKenzie, J. E., Bossuyt, P. M., Boutron, I., Hoffmann, T. C., Mulrow, C. D., ... & Moher, D. (2020). The PRISMA 2020 statement: An updated guideline for reporting systematic reviews. *BMJ*, 372(71), 1-11.

Pereira, A. B. S., Martins, C. A., Pereira, M. S., Lima, J. R., Souza, A. C. S., & Ream, P. S. F. (2016). Atenção ao climatério realizada por profissionais da estratégia saúde da família. *Revista Enfermagem UERJ*, 24(1).

Pereira, A. F. G., Teodoro, B. C. D., Costa, L. S. D., & Marques, S. K. D. (2021). Os desafios enfrentados pelos enfermeiros na atenção à saúde da mulher no período do climatério. *Repositório Universitário da Ânima (RUNA)*. [Internet] Brasil.

Sabóia, B. A., Rosa, M. C. S., Couto, G. B. F. do, Dias, A. K., Markus, G. W. S., Santos, J. M. dos, Pereira, R. A., & Silva, K. C. C. da. (2021). Assistência de enfermagem à mulher no climatério e menopausa: estratégia de inclusão na rotina das unidades básicas de saúde. *Scire Salutis*, 11(3), 80–89.

Selbac, M. T., Fernandes, C. G. C., Marrone, L. C. P., Vieira, A. G., Silveira, E. F., & Morgan-Martins, M. I. (2018). Mudanças comportamentais e fisiológicas determinadas pelo ciclo biológico feminino – climatério à menopausa. *ALETHEIA*, 51(1), 177-190.

Silva, C. B., Busnello, G. F., Adamy, E. K., & Zanotelli, S. S. (2015). Atuação de enfermeiros na atenção às mulheres no climatério. *Revista de Enfermagem UFPE on Line*, 9(1), 312–318.

Silva, G. F., Moura, M. A. V., Almeida, M. V. S., Sá, S. P. C., & Queiroz, A. B. A. (2015). Influências do climatério para o envelhecimento na percepção de mulheres idosas: subsídios para a enfermagem. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, 17(3), 29072–29072.

Silva, L., Ferreira, A. L., Silva, B.M.R., Luz, D.J., Fontoura, E.S., Araújo, E.S., & Souza, W.L. (2021). A dinâmica de mitos e verdades na promoção da saúde à mulher climatérica: um relato de experiência. Molin, R.S.D. (Org.). *Saúde da Mulher e do Recém-Nascido: políticas, programas e assistência multidisciplinar* 28 (1) - 16-26.

Silva, S. B., Nery, I. S., & Carvalho, A. M. C. (2016). Representações sociais elaboradas por enfermeiras acerca da assistência à mulher climatérica na atenção primária. *Revista Da Rede de Enfermagem Do Nordeste*, 17(3), 363–371.